



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Corpo devotado, corpo aos pedaços: uma antropologia de corpos que crêem

Denise Pimenta
Universidade de São Paulo – USP
detpimentinha@yahoo.com.br



Figura I



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CONALB, Salvador – BA, de 07 a 10 de agosto de 2011 **Corpo devotado, corpo aos pedaços:** **uma antropologia de corpos que crêem**

E rasgai vosso coração e não as vossas vestes
Joel 2:13

I – Introdução: de corpos amputados, de corpos presentes

Ao longo do texto, o antropólogo começa a desaparecer gradualmente, e depois, de forma brutal, do texto, como se nunca houvesse existido. Assim, pesquisando um campo religioso, com devoção e promessas, a única coisa que talvez pudesse eu prometer seria: prometo não desaparecer! Prometo não me amputar do texto como se nunca houvesse existido, como se esta fosse uma produção imparcial e neutra. Pois bem sabemos desde Donna Haraway¹ que todo saber é posicionado, existe dentro de um corpo que se posiciona. E digo mais, um corpo que existe, não podendo manter-se nas entrelinhas. Assim, pretendo me posicionar e demonstrar como cada etapa modifica a pesquisa e a transforma em outra, diferente do que era antes (talvez diferente do que será), com os horizontes mais alargados. Como mostra Fernanda Peixoto, ao falar de Michel Leiris: “As sucessivas etapas da missão, registradas no caderno do arquivista, falam de uma viagem que é, antes de tudo, iniciática e das perplexidades oriundas do aprendizado de um ofício, que tem a particularidade de deslocar o sujeito.” (PEIXOTO *in* LEIRIS, 2007, pág. 23). Alerta Peixoto, na apresentação do livro *África Fantasma*, sobre

¹ Donna Haraway é uma pensadora e pesquisadora de questões de gênero, mais propriamente, a pesquisa feminista. Os termos usados neste texto sobre saberes localizados, corporificados e visões parciais, são tomados de empréstimo de seu texto “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. Artigo que se refere a discussão da pesquisa feminista, porém, muito ajuda no desenvolvimento desta pesquisa e de suas questões metodológicas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

o lugar de centralidade da subjetividade na produção do conhecimento antropológico. O que em Haraway, seria uma objetividade corporificada, ou seja, os saberes são localizados, apenas as perspectivas parciais podem permitir uma visão objetiva. Assim, é de corpo de que se trata esta curta reflexão, ou seja, do corpo do autor que se posiciona no corpo do texto, este que é escrito com veias e pulso, pele e transpiração, tato, ou seja, com o corpo, que age, cansa e vibra. O corpo se inscreve no texto das mais diversas formas, literalmente e literariamente. Como diz Ruth Silviano Brandão:

A escrita se faz com o corpo, e daí a sua pulsação, sua respiração singular, sua rebeldia, às vezes domada pela força da armadura da língua, pela sintaxe, freios e ordenamentos. Assim, nunca são puras idéias abstratas que se escrevem e por isso, quando se lida com a escrita alheia do escritor ou do escrevente comum, como leitor ou crítico, toca-se em textos, com as mãos, com os olhos, com a pele... O escrever tem a ver com a intimidade, que, no entanto, sempre se volta para fora, paradoxalmente se mascarando e se desvelando, ao mesmo tempo (BRANDÃO, 2006, pág. 34).

Escrever é lembrar, rememorar, criar, recriar e inventar. Escrever é viver e viver de novo. Como diz Brandão (2006): “a escrita se faz... no pulsar do sangue que faz bater o coração na ponta dos dedos”. E é desta forma de viver e reviver que me debruço para que as sensações e sentimentos de amor, horror, paixão e humor de minha pesquisa – durante o trabalho de campo – não sejam comentários jocosos e piegas nas reuniões de Antropologia, mas que venham a ser no texto registros de “Anthropological Blues”, como bem apontou o antropólogo Roberto DaMatta. O quê faz lembrar também Crapanzano:

Quero ressuscitar a dimensão romântica da antropologia, não porque deseje propor uma antropologia romântica, de modo algum, mas porque gostaria de que nos reconciliássemos com nossa herança romântica e o efeito que ela teve sobre nós, mesmo que apenas por sua insistente rejeição ideológica. Com essa rejeição, tal como com a das raízes religiosas – judaico-cristãs – de nossa disciplina, que desempenharam um papel tão fundamental no entendimento e na interpretação dos fenômenos que estudamos (e a nós também, em nossas vidas). Ou, se não a perdemos, se não a ignoramos, suprimimos ou reprimimos, acabamos por reduzi-la de tal maneira a um ou outro paradigma amortecido, que estes mundos de sombras – ou experiências – perdem toda e qualquer realidade empírica que possam ter e toda e qualquer influência que poderiam exercer sobre o comportamento e os pensamentos daqueles que encontramos em nossos trabalhos de campo. (VATTIMO, 2005, pág. 358)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

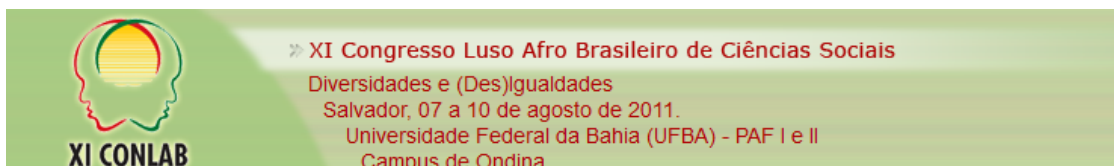
Portanto, minha posição não torna a reflexão mais pobre, pelo contrário, creio que o pensamento crítico e também a crítica de um “pensamento humano” (com todas as aspas que cabem a este termo) só se pode dar, de maneira promissora, desta forma. Afinal, corpos que escrevem são corpos que existem, e estes sentem, agem e se relacionam e se posicionam. Refletir não é mera abstração, envolve transpiração, oxidação e materialização. Portanto, encontro-me de corpo presente.

II - O ofício da etnografia ou o corpo costurado: fazendo das tripas, coração...

Quem é que debruçado costura os pedaços do corpo do texto antropológico? É o corpo. Quem alinhava com um descuido cuidadoso os pedaços é antropólogo. Pois o que é a antropologia além de, como diz Sherry Ortner: “a thinf of shreds and patches” (ORTNER, 1984). Penso então que o ofício do antropólogo possa ser algo parecido com o ofício do costureiro ou mesmo do médico que sem cessar costura pedaços de corpos nem sempre bem alinhavados, nem sempre em uma ordem lógica, talvez criando um ser incompreensível e complexo, talvez um monstro: um Frankenstein.

Seria a criação deste corpo possível? Talvez não e, por isso mesmo, cause tanta paixão, tanta loucura por criá-lo, costurá-lo.

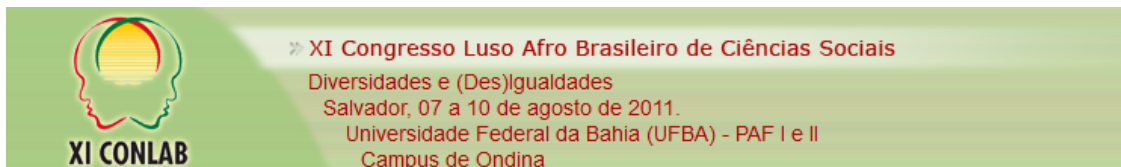
Vamos falar, então, do amor. E o que mais há que vale o nosso tempo e esforço? O que amamos mais, o que mais instiga o amor em nós, senão algo elusivo e além do nosso alcance, algo ‘impossível’ que simplesmente não podemos possuir? Que outra maneira de se elevar o amor até um estado febril do que se dar conta de aquilo que amamos é impossível e sempre nos escapa? Amar o que é meramente possível, moderar o amor à marca mediana do provável, investir no critério e prudência nossas energias amorosas de modo a esperar um justo retorno sobre o esforço despendido, não se encontram aí todos os predicados de um amante sem paixão, aquele a quem Jonhannes Climacus chama de um “camarada medíocre”? (CAPUTO, 2002, pág. 31).



Assim atrás de outros corpos, o que em antropologia chamamos de “nativos”, montamos bricolagens, mosaicos, corpos de textos.

III – De tripas e coração, ou: *ex-votos* objetos que realizam

O que se observou na última ida a campo - março de 2011 - é a grande quantidade de partes de corpos feitas de cera, servindo como votos e também como *ex-votos*. Pernas e braços, corações, rins, bexigas, cabeças, orelhas e faces – dentre inúmeras outras partes – são deixadas na “Sala das Promessas” como sinal de agradecimento por graças alcançadas ou são depositadas na “Capela das Velas” para serem queimadas em intenção de algum pedido. Portanto, a relação entre fé e corpo é direta e visível. Os corpos dos fiéis são transfigurados pela fé, capazes de se arrastarem ajoelhados pela longa passarela que liga a cidade ao Santuário. Corpos de pessoas que crêem, corpos que crêem. Corpos que se rasgam em pedaços, pedaços corporais de cera que queimam em busca de cura (eficácia simbólica: referência aos estudos do antropólogo Claude Lévi-Strauss). Dessa forma, é notória a relação entre os votos, os *ex-votos*, as promessas e o corpo do devoto. Corpos que se ajoelham, que se arrastam, corpos que crêem. Corpos aos pedaços, corpos que queimam, corpos que curam. Portanto, é sobre esta temática – antropologia, fé/promessas e corpos – que a pesquisa se debruçar: o corpo na fé católica, mais especificamente em relação à devoção a Maria, mais precisamente Nossa Senhora de Aparecida. As pernas e joelhos que se arrastam, o coração em cera que se rasga e queima: corpo que se sacrifica e crê. Interessante pensar que esta relação estabelecida entre o devoto e o *ex-voto* não é uma mera representação, ou seja, penso as partes corporais de cera são extensões de corpos que crêem ou mesmo, uma outra vertente possível possa ser que se estabeleça uma relação do *ex-voto* como um duplo do fiel. Este duplo que está no que queima para a cura. De certa forma, creio que a leitura do duplo – vinda desde Émile

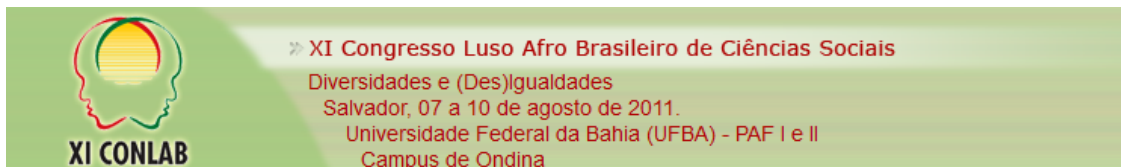


Durkheim – me pareça mais apropriado do que as idéias de extensão do corpo – que podem ser achadas em autoras como Donna Haraway e Marilyn Strathern, apesar desta noção seja muito potente e muito poder ajudar na reflexão.

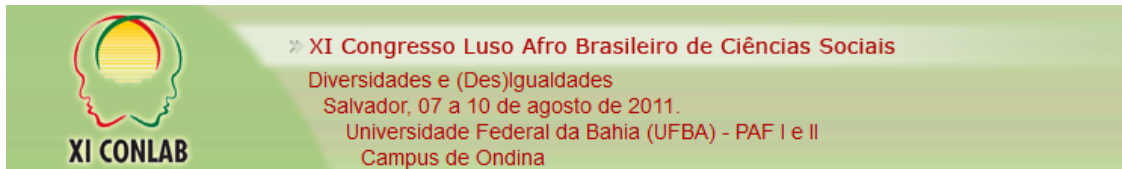
Também Marcel Mauss me ajuda a refletir sobre as práticas dos corpos com os quais cruzei. Uso também Denis Guénoun, teórico do teatro, que estuda o *gestus*, afinal, o balé de gestos dos devotos, muitos levando os corpos ao limite, promovendo uma transfiguração do corpo, podendo causar estados alterados (que não necessariamente precisam se configurar como transe ou possessão). A experiência da fé, que se dá através de vocalizações repetitivas de preces e orações, que propicia uma experiência extraordinária do corpo que cura. O que pode também ser iluminado pela discussão de Thomas Czordas sobre corporalidade e cura e também clareado por David Le Breton. A palavra que transforma, a palavra que cura. O corpo que crê, o corpo aos pedaços que realiza. Muito disso, que encontro em campo, vejo também nas discussões de Carlo Sevéri. Dessa maneira, a palavra e os *ex-votos* possuem agência, esta transformadora, que cura, que realiza.

Ou seja, além das palavras que agem e promovem a eficácia simbólica, existem também os objetos que não são meros objetos e sim agentes ativos. Tanto a Santa – Nossa Senhora Aparecida - quanto os *ex-votos* promovem transformações e estabelecem relações com os devotos. E para pensar tais situações do campo, uso para me auxiliar além de Sevéri, Alfred Gell.

Outra conclusão a qual cheguei a partir da observação e das leituras. Os *ex-votos* (que não são apenas partes corporais, mas também objetos em forma de casinhas, carros, barcos, instrumentos musicais, fotos, toda sorte de objetos) são expostos como testemunho da graça recebida. Então, muito mais do que a relação de sacrifício como entendia no início da pesquisa dá lugar ao dom, à economia das trocas simbólicas (que não deixa de ser também material). Penso que talvez a questão do sacrifício possa ajudar a entender o oferecimento e a queima dos objetos na “Casa das Velas”, mas isto ainda precisa ser melhor observado. Esta exposição dos testemunhos me sugere uma circulação das graças alcançadas, dádivas contadas. Na medida em que se testemunha, coloca em exposição ganha valor. Ou seja, se demonstra e é reconhecido pelas pessoas como uma



grande graça ou milagre alcançados.



A questão antropológica apresentada aqui é pois o tema religião, que passa por

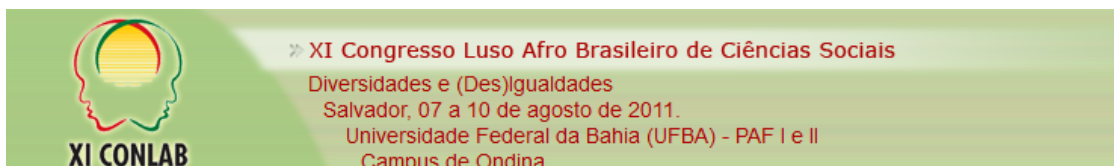


» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

um olhar da performance enquanto expressão e experiências vívidas e vividas e que propõe um outro tipo de relação entre pessoas e objetos, relações são transformadoras, têm agência, curam e realizam. E estas relações só podem ser melhores captadas através das narrativas dos devotos e das observações dos gestos. Dessa forma, diferentemente do que buscava no projeto: o que as imagens ensinam para o fiel e como? A questão não se dá desta maneira, uma imagem passiva que ensina exemplarmente um fiel que absorve a moral cristã. Pelo contrário, é uma relação que se estabelece entre sujeitos ativos, que



estabelecem relações de dom, amor, medo, paixão, confiança, cumplicidade, amizade, ensinamento e (talvez, ainda não tenho certeza) de dúvida. São relações que se estabelecem entre humanos e objetos que possuem presença e agência, relação direta



entre seus corpos e os corpos dos fiéis. São modos de relacionamento entre pessoas e “coisas”, ambos ativos e transformadores.

Figura II

IV – Bibliografia

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “Uma antropologia militante: entrevista com Carlos Rodrigues Brandão” in. Revista Sociedade e Cultura. Ano 10, Vol. 10, N. 001. 2007.

BENJAMIN, Walter. “Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política”. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CRAPANZANO, Vincent. “A cena: lançando sombra sobre o real” in. MAANA, 2005.

CSORDAS, Thomas. “Corpo, Significado, cura”. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DAWSEY, John Cowart. “Por uma antropologia benjaminiana: repensando paradigmas do teatro dramático” in. MANA, 2009.

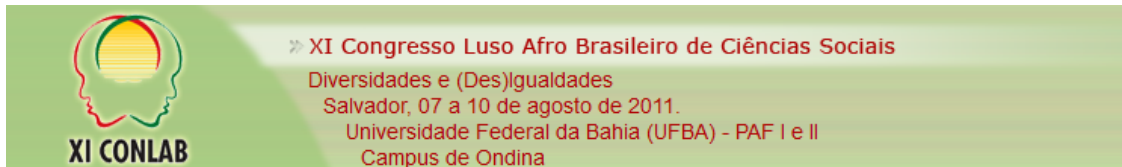
DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar (org.). “Às margens: a propósito de Derrida”. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. São Paulo: Loyola, 2002.

GUIMARÃES ROSA, João. “Grande Sertão: Veredas”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HARAWAY, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial” in. Cadernos Pagu, 1995.

LEIRIS, Michel. “África Fantasma”. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “Tristes Trópicos”. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.



SILVA, Maria Augusta Machado da. “Ex-votos e orantes no Brasil”. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1981.

SILVA, Vagner Gonçalves. “O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras”. São Paulo: EDUSP, 2000.

SOUSA, Ilza Matias. “Câmara Cascudo: viajante da escrita e do pensamento nômade”. Natal: EDUFRN, 2006.